

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 107

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELEF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



UM DESASTRE HORRIVEL

Uma pobre mulher caminhava pela via ferrea quando uma locomotiva a colheu em cheio e a esfacelou, arrastando-a umas dezenas de metros.

AS LAMPADAS
ELECTRICAS



SÃO AS MAIS
ECONOMICAS
E AS MAIS
RESISTENTES.

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DE ELECTRICIDADE

LER dentro a admiravel e comovente novela cheia de interesse

"AQUELE OLHAR..."

em que vive o drama duma mulher de teatro por O HOMEM QUE PASSA

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

cronica da semana

O «CRIME» DUMA MULHER

A semana foi estéril em acontecimentos. Estéril como aquela rapariga madrilena, que, não sendo mãe, pôde um filho á Assistencia Publica. E a Assistencia deu-lhe uma filha. Ter uma filha já era alguma coisa. Mas ainda não era tudo. Victoria Fernandez quiz ser mãe «legal» de sua filha. E para que ela pudesse figurar no assento do registo civil com o seu nome, não hesitou em falsificar um documento.

A lei teve conhecimento da fraude—e não lhe perdoou. As mulheres espanholas já lhe perdoaram todas. Mas como a lei é feita por homens—por homens que, certamente, nunca desejaram ser mães—a pobre Victoria sofreu pelo seu «crime» todo o rigor da lei.

O tribunal viu diante de si um caso da falsificação vulgar e não atendeu á parte sentimental da causa em discussão. O tribunal foi severo. O tribunal condenou a mulher que queria ser mãe duma filha que não era sua em seis annos de prisão.

Se o tribunal fosse chamado a pronunciar-se sobre o crime duma mãe que abandonasse a sua filha, ainda se compreendia o rigor da lei. Mas condenar uma pobre mulher só porque o sentimento da maternidade a levou a cometer uma falta—é contra todas as leis do coração.

E as mulheres espanholas compreenderam tão bem o «crime» daquela mulher, que em volta do seu caso fez-se um grande movimento de simpatia, um movimento que reclama o indulto para a mulher que queria ser mãe.

... Mais tarde, quando a pequena crescer, é natural que lhe contem a sua historia. E ela será a primeira a absolver a mãe que falsificou um documento para lhe poder chamar filha—e a condnar a outra que a abandonou á Assistencia Publica, para que nunca lhe pudesse chamar mãe.

NORBERTO LOPES

ECOS

Prosa Camararia

Duma noticia inserida no «Seculo» verificamos que determinado funcionario foi chamado ao exercicio do seu cargo, que em linguagem official é como v m abaixo. Se esse funcionario quizesse usar cartões de visita teria de pôr:

MANUEL RODRIGUES

Chefe da Estação Experimental de recuperações das Imundities Solidas
CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

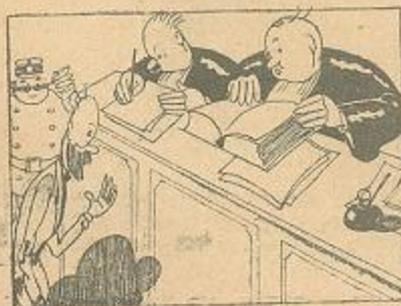
Como já veio publicado no «Seculo» não

NO SALÃO



—Um medico a cantar uma romanza! Este não encara a vida a sério!
—A vida... dos outros.

NO TRIBUNAL



—O Senhor nega que quatro testemunhas presenciaram o seu crime!
—Olha a grande calsa! podia citar-lhe milhões que o não viram!

O SABIO



—Sr. Dr., leve o vestido do menino e encolheu lençol o que hei-de fazer?
—Lave o menino.

DOENTE



—Como vai o seu marido, melhorzinho?
—Muito mal! o medico disse que se ainda aguentasse esta noite, poderia ter alguma esperança, mas no caso contrario, não se responsabilizava por nada!

Má Língua

CARTA A UM CONEGO

Que me desculpe Vossa Reverencia a irreverencia de escrever-lhe assim. Obrigaram-me normas da consciencia a que não sei fugir; porisso vim.

Eu sinto muito bem que para crente me faltam predicados essenciaes; tenho menos perdão que toda a gente, e muitos mais peccados, muitos mais.

Não siga, e faça mal, certos preceitos certos caminhos por que tantos vão; mas, bem vê, não disfarço os meus defeitos... Levante a palmatória. Tóme a mão.

Ora um defeito que não sei curar, e que é dos mais nocivos, bem no vizo, é o de não ter tremuras no fallar, chamando pão ao pão, e queijo ao queijo.

Porisso me senti arrepiado ao medir calmamente a sua acção, pois... para dar-lhe o nome apropriado... São feias as palavras que lh'o dão...

Faz-se isso a quem lutou em toda a vida, na mais nobre isenção de que ha memoria, por uma grande Causa, perseguida pelos mais baixos de que reza a Historia?

Não vale a honra, o brio a intelligencia, o sacrificio de uma vida inteira, para o sentir de Vossa Reverencia mais do que traiçoerissima rasteira?

Assim se dignifica a nossa Fé, e se ensina aos fiéis a rectidão? Aos nobres paladinos se dá pé, e a maçons criminosos se... dá mão?

Que é isto?! Onde nos leva a covardia de taes politiquices sem exemplo? Christo, se fosse agora, já não ia correr a pau os vendilhões do Templo?

Ao poder mais injusto e mais contrario se ha-de sempre sorrir no mesmo agrado? Não ha santo nenhum no calendario que descesse a pregar acororado!

Como é que as suas fallas condemnaram quem mais alto fallava aos figurões? Condemnar quem accusa os que roubaram não é fazer o jogo de ladrões?

Quer Vossa Reverencia ter assento assento familiar, como entre amigos, nas bancadas do Livre Pensamento que a si deve o livrar-se de inimigos?

Espera por acaso ver um dia —ai! Se tiver esse desejo, cale-o! — os grandes trunfos da Maçonaria de balandrau e a segurar no pollio?

Se o Registo Civil toma por lei veja lá, tenha tento; que essa gente se o ouve fallar muito em christo Rei inda lhe exige um christo Presidente!

Cã ficamos a ver o caso estranho —tactico certamente superior...— de pôr lobos de guarda a um rebanho e organizar batidas ao pastor...

Oiça, e perdoe, aquillo que lhe alvitra quem sente muita magua em tal litigio, —porque tem medo de não ver a Mitra quando a encafuarem num barrete phrygio!

TAÇO

atribua o leitor o caso á nossa fantasia carnavalesca...

Religião e Cinema

Nós somos dos que temos pelo espirito religioso portuguez o maior respeito. Somos dos que praticamos uma religião pessoal, que não é mais do que esse bom catolicismo sem exhibições e sem praticas exageradas.

Como podemos então compreender esta furia de publicidade que invade certas expressões de Egreja?

Como permitir esse exhibicionismo doentio de Lourdes, que ora o cinema explora, em

«melteurs-en-scène» de Paris e «vedettes» vestidas de irmãs de caridade, com aparições de «trucage» fotografica?

PORTUGAL-FRANÇA

EM FOOT-BALL

O grande match de emoção entre os dois paizes merecerá um suplemento de O Domingo, que será o repositório grafico e historico da grande prova desportiva.

Feliciano Santos

O DOMINGO
destrado

HUMORISMO

Página Alegre por Xisto Junior

MANUAL DO PERFEITO DIVERTIDO

PARTO do principio de que o leitor é, como eu e mais ou menos toda a gente, um sensaborão, ignorando absolutamente a maneira de se divertir sem dôr e sem aborrecimento de maior nesta época de carnaval, que principia.

Para seu uso, portanto, foi elaborado o «Manual do Perfeito Divertido», esclarecendo guia que uma sociedade de homens de letras me encarregou de revêr e que a seguir se publica, já para entrar em vigor no carnaval proximo.

Toda a pessoa que quizer divertir-se no carnaval tem uma de duas coisas a fazer: mascarar-se ou não se mascarar. Quem não se mascarar não gosa a vantagem de que se riam á sua custa, mas em compensação tambem ninguem o mandará despir por não ter graça.

O «perfeito divertido», porém, tem por dever principal mascarar-se. Na escolha do traje deve atender-se ás condições seguintes:

- Que seja barato;
- Que não seja tão fantasiado que ninguem perceba o que ele significa;
- Que, sendo alugado, o fatinho não cheire a suor;
- Que, identicas condições, não tenha tantas nodos que não possa uma pessoa aproximar-se do mascarado sem ter que desviar a vista.

Se o mascarado decide ir a um baile de mascaras publico, deve ir prevenido com dinheiro para o Tribunal dos Pequenos Delitos, mas se o convidaram para uma «soirée» particular, então convem não levar dinheiro, porque nestes casos é tudo de graça e quanto mais graça melhor.

Recomenda-se especialmente ás pessoas que se mascararem para ir a casas particulares que tenham em conta a consideração que devem aos da casa. Assim:

Não se deve ir vestido á Luiz XVI a casa dum bom republicano, nem de sacristão á dum livre pensador.

É tambem de muito mau gosto, quando se sabe que a sala de baile tem só quatro metros quadrados, ir mascarado de cavaleiros da Idade Média, porque o cavallo ocupa todo o espaço e não deixa dansar os pares.

Se na casa houver bastantes meninas solteiras, convem não escolher o disfarce de velha alcoviteira, para não parecer que é de proposito.

Escolhendo o disfarce de «ché-ché», o convidado deve abster-se completa-

mente de dar pançadinhas na dona da casa, deixando a faca e os outros attributos no bengaleiro do corredor, para não meter medo ás crianças nem provocar ideas tristes nos adultos.

Não é conveniente escolher um fato que obrigue a esporas, sob pena de se ficar sósinho na sala logo ao primeiro «fox-trot».

Havendo o convidado de mascarar-se de preto, é bom não pintar a cara para não distinguir e muito menos as mãos, com que terá de apanhar os pasteis de bacalhau do bufete, que em caso contrario saberão deploravelmente a pós de sapato.

Se o convidado fôr, por uma mera questão de sexo, uma convidada, se quizer ser divertida, tem de obedecer ás regras seguintes:

Não deve ir mascarada de «Noite»,



se fôr bonita, porque começa toda a gente a abrir a boca e a dizer: «Boa noite!» e ainda porque, se ao dansar pizar os calos do cavalheiro, não poderá impedir que ele diga, com toda a propriedade e um pé no ar: «Irra, que vi as estrelas!»

É do mais rudimentar mau gosto ir ao baile vestida de florista. É uma sensaboria tão antiga como a açorda de alho, e por isso ninguem lhe pega.

Se a convidada fôr uma senhora miope, não deve mascarar-se de «Tosca», porque toda a gente vê logo que ela não «tosca» nada.

Sendo a convidada menina bem conhecida por frequentar o «cinema», de modo algum deve ir ao baile mascarada de varina, porque se arrisca a ouvir dizer, ao passar: «Esta varina vai ao Condes».

Sobre a maneira duma pessoa se comportar na sociedade, em época de carnaval, de forma a conseguir um divertimento opiparo e integral, ha tambem algumas regras estabelecidas e que devem ser seguidas por todos aqueles que pretendam divertir-se.

Suponhamos que se trata dum cavalheiro casado, que pretende ir a um baile de mascaras num dos teatros de Lisboa. Com três dias de antecedencia começará

a falar em casa, deante da consorte (que neste caso não tem sorte nenhuma), dum amigo que está muito mal e que com certeza, não escapa desta. O amigo deve ir piorando, piorando, até que morre oportunamente á boquinha da noite escolhida para o cavalheiro ir ao baile. O interessado apresenta-se em casa para jantar, come pouco, dá a infausta noticia da morte do infeliz amigo e, depois de se vestir de luto rigoroso, sai para ir velar o cadaver.

Uma vez na rua, aluga um dominó, compra o bilhete de admissoão ao baile, vai ao bufete, bebe duas meias garrafas de Colares, se fôr pessoa de meias medidas, entra na sala, arranja um par e larga a dançar aquele «coice-trot», que é a sintese de todas as modalidades coreograficas dos bailes de mascaras, tendo o cuidado de voltar de vez em quando ao bufete, para manter o entusiasmo a meias—de Colares.

Se em vez dum baile publico é dum salsifré familiar que se trata, o cavalheiro pôde levar a consorte e o resto da familia e neste caso escusa de matar nenhum amigo.

Para uma situação destas é necessaria uma preparação de algumas semanas. A escolha dos disfarces tem que ser minuciosamente estudada, para evitar despesas, e pode muito bem assentar-se num plano economico. A esposa vai de dominó, que se arma facilmente com uma coberta de ramagens, que no sotão separa a cama da filha mais velha da do filho nas mesmas circunstancias. A vizinha do lado empresta as fitas da guitarra do hospede e pronto. A filha mais velha vai de varina, com o fato da fregueza da sardinha. O que ela não empresta é o cordão, e o chapéu está cheio de escamas; mas como é carnaval... A mais novinha fica mesmo um amor com um fato de espanhola, que daria da Espanha a pior das impressões, se tomassem a serio a farpela, engendrada do velho

çar, não só porque é muito conhecido mas tambem porque não tem outro fato senão o fraque do casamento. Felizmente, a previdente visinha do lado tem guardado e está disposta a emprestar um fato completo de galego com que o seu defunto marido obtinha grande exito em todos os estrudos, na Sociedade Alunos Aplicados da Arte de Talma e Anexos. Como chefe de familia, que faz aquele frete de mulher e quatro filhos, o disfarce de galego não o disfarça lá grande coisa, tanto mais que, á falta de chancas apropriadas, tem de levar as botas amarelas de todo o ano.

Emfim, removidas as dificuldades, deve a familia pôr-se a caminho da casa das pessoas das suas relações, onde se realiza a «soirée», tendo jantado sobriamente para melhor armazenagem do que por lá houver para comer. A' porta põem-se as mascaras e no meio da escada começam todos a guinchar, invadindo a casa aos pinotes, fingindo que sopõem que ninguem os conhece e dizendo toda a casta de tolices, que no carnaval passam por ditos do mais fino espirito.

É de maior inconveniencia, a pretexto de intrigar, dizer aos donos da casa frases como as que seguem: «Ainda deves dois meses ao padeiro?» — «A lambisgica da tua filha ainda namora o pelintra do alferes?» — «Vocês ainda usam as meias palmilhadas?» Tambem não é vantajoso para ninguem que os donos da casa digam aos convidados, que lhes perguntam se os conhecem: «Quem não os conhecer que os compre».

Instalada a familia, a mãe velará por que a filha arranje um namôro com o rapaz que oferecer maiores garantias e sempre um membro da familia se conservará na casa de jantar, para dar o alarme dos comestiveis que aparecerem, revesando-se de quarto em quarto de hora.

Quem, seguindo as indicações deste «Manual do Perfeito Divertido», não conseguir divertir-se, perca a esperança de vir a passar um carnaval alegre, porque é um sensaborão tão grande que deixa a perder de vista o autor do «Manual».

XISTO JUNIOR



Retratos d'Arte

PELO FOTOGRAFO

SILVA NOGUEIRA

R. Escola Politecnica, 141

FOTOGRAFIA BRAZIL

ROSEIRAS
DE LUXEMBURGO

Acabam de chegar á Casa Daupias

29 R. CARMO 31 - LISBOA

LISTA GRATIS SOB PEDIDO

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Humorismo



DA ARTE DE BEM DANÇAR EM TODA A SALA

ISTO que antigamente era uma coisa simples e banal—a dança—é hoje uma arte complicada, de variadas nuances, evoluindo sempre com a moda e como ela inconstante e caprichosa.

Por vezes complexa e difícil, tem nas suas várias modalidades os seus perigos.

Outrora, passado o cabo tormentoso da valsa, qualquer leão das salas estava doutorado e apto aos mais exigentes torneios coreográficos.

A polca era uma brincadeira de crianças; o pas-de-quatre um pretexto para uns requebros delambidos, tendo apenas o perigo dos abalroamentos na rápida transição para os 3 passos de valsa. E levar até ao fim uns lanceiros, não era meter nenhuma lança em África, mesmo que o nosso par fosse de côr.

Mas hoje tudo isso está banido, «*dé-modé*», lançado á margem.

Quadrilhas só estão em moda as de ladrões.

E com essas ninguém quer dançar, apesar de infelizmente estarem de tal maneira em voga, que para nos livrarmos delas, temos de sustentar, cada vez mais violentamente, essa pavorosa dança... da luta pela vida.

Quanto a danças de trazer por casa, danças de sala e de salão, tudo mudou; já não é qualquer valsista doutras eras que consegue satisfazer aos complicados requisitos dum tango dolente ou dum charleston agitado e caprichoso.

Hoje a dança é uma arte não só difícil, mas perigosa.

Um charleston dançado a rigôr é um perigo para as canelas dos parceiros; e mesmo o fox-trot é um exercício violento, quando praticado até de madrugada. Muito peor do que na tropa fazer marchas forçadas, porque ha senhoras muito mais difíceis de transportar do que a mochila.

Ha por isso uma serie de cuidados e providencias necessarias a todos os que heroicamente pretendam dedicar-se a este exercício, que apesar de pedestre é tambem por vezes manual quando uma rasteira os obrigue a deixar as impressões digitais no encerado do parquet.

Uma das coisas indispensaveis, quando se trate dum baile em forma e para demora, é jantar-lhe bem. Depois, sendo possivel, adaptar ás canelas as respectivas peças duma armadura (não confundir com armação) de qualquer antepassado guerreiro da familia.

Para quem não tenha antepassados, bastará passar pela feira da Ladra, porque lá se encontram as armaduras que os netos dalguns antepassados tenham passado a patacos. Em ultimo caso dois pacotes de algodão hidrofílo fazem quasi o mesmo efeito, sendo nesse caso porem conveniente levar tambem no bolso um frasquinho de amica e duas ligaduras.

Nas salas muito enceradas é de toda a prudencia não aventurar passos difíceis, nem fazer voltas muito bruscas para evitar as derrapages, que são sempre perigosas.

Estendidos no meio da sala, alem do perigo dos atropelamentos, fica-se com todo o corpo á mercê dos passos charlestonescos dos outros pares, a não ser que se tenha estabelecido um



serviço de sinaleiros que façam imediatamente suspender, num caso desses, o transitio vertiginoso dos parceiros.

E' tambem conveniente, em especial nas salas pequenas, colocar na cabeça da senhora que nos acompanha um pequenino espelho, por causa dos perigos da marcha atraz e para evitar os desabamentos no colo da assistencia.

Convem levar ainda uma duzia sortida de frases feitas e três ou quatro piadas de almanaque, para dirigir ás senhoras durante a dança e não dar a impressão de que andamos fazendo um frete.

Estas piadas e estas frases podem servir para todas as senhoras; bastará agita-las de cada vez antes de usar, para cada par que nos acompanha, e ter-se-ha garantida a conversa para cada numero.

Na hipotese de se voltar a dançar com a mesma Sr.^a voltam-se as mesmas frases do avesso e ficam como novas.

Os que padeçam de surdez, ainda que ligeira, devem no entanto dançar calados, para evitar mal entendidos, como este por exemplo, a que assisti:

Ele que trazia um variado stock de trocadilhos e frases que cuidadosamente tinha composto e passado a ferro na vespera e na intenção de estarecer de admiração o pequenamente a tremer como varas verdes. Este processo é infalivel. Só tem o perigo de ser excessivo e convem portanto usá-lo com cautela. Porque pôde até a senhora começar a tremer de tal maneira que tenha de ser conduzida ao seu lugar, o que será tambem uma forma de

exclamou logo de entrada para a primeira senhora que lhe caiu nos braços:

— Ah! Mas vossoleñcia, que é leve como uma pena, é até pena dançar comigo...

E ela, deliciada:

— Ah! Um caleburgo!!

Mas o desgraçado era um pouco surdo e aos seus ouvidos chegou apenas um murmúrio vago, qualquer coisa como «cala-te burro!»

E ele obedeceu de tal maneira que ficou para o resto da noite silencioso e entupido.

Mas para quem não tenha este defeito, as frases feitas são ottimo elemento e uma grande defeza em certas ocasiões.

São por exemplo de toda a vantagem os galanteios, as frases madrigalescas e de elogio ás varias qualidades e ornamentos das senhoras. Principalmente para os que dançam mal é de toda a conveniencia envaidecer constantemente o par, com exclamações sobre a sua elegancia, a sua beleza, o seu «*charme*», para evitar que reparem nas pizadelas que lhe damos e na triste figura que fazemos.

Mas pode tambem dar-se o caso contrario de se encontrar senhora que dance mal e não acerte de modo algum. Convem por isso ir prevenido com as varias formas de remediar tão grande contrariedade. Tratando-se d'um fox-trot, experimentar o processo adoptado para os galuchos e dizer a compasso: «vamos, um, dois, um, dois, um, dois»...

Se é um charleston e a senhora não consegue estremecer e abanar os pés como convem, basta dizer-lhe que vai rebentar uma revolução, que a casa ameaça ruina, que se espera um atentado dinamitista contra algum dos parceiros presentes e ela começará fatal-



mente a tremer como varas verdes. Este processo é infalivel. Só tem o perigo de ser excessivo e convem portanto usá-lo com cautela. Porque pôde até a senhora começar a tremer de tal maneira que tenha de ser conduzida ao seu lugar, o que será tambem uma forma de

terminar o nosso embaraço e procurar quem melhor dê conta do recado.

E' tambem de boa politica não dançar sem ver primeiro a maneira por que se dança em cada sala. Isto para não darmos nas vistas ou nos tornarmos notados, dançando de maneira diversa da que fôr adoptada no seio de cada familia.

Ha por exemplo os bailes chics e os salsifrés de meia tijela na cidade e os de tijela inteira na provincia, e é claro que para cada um d'elles se deve adoptar um modo e uns passos e uns ademanes especiais.

Por exemplo, nos de meia tijela em que os elegantes dançam movendo os braços em estilo de perú batendo as azas, convem imita-los para não destoar.

Nos de tijela inteira convem tratar todos por vocelencia e levar a senhora a distancia respeitavel, ao passo que nos mais chics, devemos tratar todos por você, de monoculo, levando a senhora o mais possivel debaixo do braço direito e conservando o esquerdo na atitude elegante d'um bule deitando o chá.

São pequeninas coisas, sim, mas indispensaveis para um dançarino que se presa.

Finalmente e para qualquer d'elles é bom tambem ir prevenido com algum reconstituente para o caso de nos vermos forçados a dançar com alguma senhora de peso.

Assim, no tragico momento de sermos obrigados pela força das circunstancias a um fox-trot com um par de noventa e cinco kilos, é bom tomar um pouco de ovomaltine, que devemos trazer sempre de prevenção.

E se caímos por acaso n'um baile oferecido por numerosa familia de senhoras gordas, se não trouxermos uma lata de meio kilo pelo menos, o melhor será retirarmo-nos cautelosamente para evitar um inevitavel esfalfamento.

N'este caso ha ainda outro perigo, para o qual convem estar prevenido.

Alem da iminencia de ter de dançar com qualquer das senhoras de muito peso, a sala está, por exemplo, muito encerada.

Então, quando se não tenha um seguro de vida, o melhor é desistir.

Dançar com uma senhora gorda, n'uma sala muito encerada, é um perigo, uma temeridade.

E' o mesmo que ir passear para debaixo d'um guindaste em movimento, com a ameaça latente d'uma barrica de cimento sobre o cadaver.

Só ha uma solução: Para evitar as derrapages, que então seriam funestas, descalçar os sapatos sob qualquer pretexto—o de que nos apertam por exemplo—e dançar mesmo em palmilhas.

E' por isso da melhor prudencia levar sempre no bolso, para tais eventualidades, um par de meias sobreelentes.

AUGUSTO CUNHA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO Ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

Os teatros do Estado

Uma celexuma em Viena por causa do AIGLON

«Os teatros mantidos pelo Estado tambem tem os seus inconvenientes...» diz nos um cronista do «Il Secolo» de Roma.

Em Viena de Austria, o «Burgtheater», como a «Opera», era subsidiada pelo imperador, sob a fiscalização de um intendente. Não se olhava a despezas. Com a Republica, o commissario do governo, o Dr. Schneiderhahn, não tem feito outra coisa senão economias.

No tempo do Imperio ninguem se atrevia a discutir os actos da direcção artistica no receio de melindrar qualquer archiduqueza, protectora do teatro...

... Com a Republica gritam todos. Toda a gente quer saber como é administrado o teatro nacional — e está no seu direito — e o commissario vê-se em bolandas para atender a toda a especie de sugestões, para montagem de repertorio, para contractos de artistas...

Dantes, eram os nobres que davam ordens. E houve até uma archiduqueza que mandou retirar do cartaz «Rose Bernd», o drama de Gerardt Hauptmann, só porque na peça figurava um bastardo...

Se por um lado o «Burgtheater» devz ao periodo imperial a sumptuosidade sem par do seu guarda roupa, dos seus scenarios, do seu mobiliario, deve-lhe, por outro, muitos contractos absurdos de artistas velhos e incapazes.

«Ide dizer a esses artistas — é o cronista quem fala — que há quinze anos atraz estadeavam a honra de acompanhar ao Prater as archiduquezas, nas suas cavalgadas matutinas, que chegam a hora de pedirem a sua reforma... «Não se convencem nem estão dispostos a renunciar ás suas prerogativas, aos direitos adquiridos».

E são esses que a ora se revoltam com a pretendida representação, n'um teatro fundado e mantido pelos cofres imperiaes, de uma peça anti-Habsburga como o «Aiglon» de Edmond Rostand. Este caso do «Aiglon» derivou para um campo meramente politico. No «Burgtheater» formaram-se dois partidos: O da grande atriz Ida Roland, casada com o conde Coudenhove — Kalerki, o idealista da «Pan-Europa» e o da actriz Wohlgenut, a mulher do intransigente conservador conde Thun.

Emquanto no «Burgtheater» se debatem os artistas sem que o «Aiglon» vá á scena, na imprensa vai-se desancando o commissario do governo, o Dr. Schneiderhahn que, parece, jentra aqui como Pilatos no Credo...

CARLOS ABREU

ATELIER

MADAME VALLE

ROBES ET MANTEAUX

RUA PASCOAL DE MELO, 9

LISBOA

Telefone 1401 N.

MOSTRA SEMPRE MODELOS DAS MELHORES CASAS DE PARIS

Nacional

S. Luiz

Politeama Trindade

Avenida Gimnasio

Eden

Variedades

A primeira scena dramatica portugueza, á frente da qual está Alves da Cunha — o grande actor, o primeiro da sua geração. Adeline Abranches, a comedianta cujo nome dispensa elogios, e Berta de Bivar, artista collisissima e moderna, a acompanham-no com Sacramento e Araújo Pereira, mestre ensaiador. O mais forte repertorio moderno. Actualmente a grande farça: «O Maluco das Avenidas Novas».

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scène» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Azucena de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e barítono brasileiro Silvío Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espectaculos de Portugal. Actualmente: Vera Sergine e Henri Rollan.

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empresa do arrojado e antigo empresario Luiz Pereira. Actualmente: A comedia: «Os filhos».

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucilla, com Erico, Almada, Amella Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa. Brevemente: «O senhor que se segue». Agora: «A Garçon».

Companhia Santana-Amarante. A A companhia mais simpatica a ao publico Alem de Amaranite — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, a, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parisiense da sua estile. Hoje e por enquanto todas as noites «O Pé de Salta».

O teatro mais moderno e mais europeu. A frente o nome glorioso de Amelia Rey-Colaço, Robles Monteiro e todo um conjunto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, bõa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectaculos de comedias, alta-comedia e drama. Brevemente: «A condessa Maria» de Lucca de Tena.

O teatro das fantasias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo — feitos de arte portugueza e de sentimento nacional. Direcção de José Climaco. Hoje e sempre: «Sempre Fixe» por duas Companhias de Revista.

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedias, farças e dramas. Exitos, «tournée» triunfais a atestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer. Hoje e sempre o interno.



A moda no teatro

Já mais duma vez em França, criticos e artistas, tem discutido se a moda deve ou não entrar no palco. Facil é supor que a razão está do lado daqueles que contrariam essa entrada. O teatro é uma arte, que embora efemera, procura sempre atingir uma finalidade, uma harmonia, uma vantagem sobre o tempo. Se ha peças que caducam em semanas e que nunca mais saem da poeira dos archivos; outras ha, poderosas de vida, crueis de verdade, objectivas de beleza, que se destinam a vencer todas as contingencias, excedendo uma idade e uma epoca. Não pode pois o teatro apoiar-se, quando á indumentaria, nos caprichos da moda que, as mais das vezes, são exemplares de aberrações passageiras, destruindo por completo o ritmo, a ordenação e o equilibrio artisticos.

Se a revista se inclina para todas as oportuidades e faz delas o seu principal assumpto — a comedia e o drama marcam um lado serio e grave, que o pitoresco e a novidade aniquilam em absoluto.

Para se ser um bom artista não é apenas necessario vestir bem — á moda. A correcção é uma coisa; e o exagero outra. As linhas duma roupagem podem estragar o quadro duma peça, deformar plasticamente um actor, distraindo, a retina do publico para um detalhe que, embora secundario, a optica scenica, sempre em relevo, transforme num abortito inestetico.

Ainda outro dia assisti a uma representação, em que andava no palco uma destas calças que se uzam agora, excessivamente largas em baixo, com porção bastante de pano para cortar sem prejuizo de outras, mais algumas pares. Suponho que lhes chamam «patas de elefante». Não discuto já a sua elegancia en ville. No palco, afirmo-o, tornam-se detestaveis, comprometem o trabalho do artista. E' qualquer coisa que desafia com a arte, que chega a exceder a caricatura. O desenho fisico do artista fica irremediavelmente alterado, e a attitude que é estatuaría em ritmo, em vida, em dinamica, perde a sua eloquencia coleante, por um excesso de base que o corpo não justifica com devida elegancia.

E', pois, preciso que os nossos artistas não se deixem arrastar pela moda. Conceda se-lhe alguma coisa, mas não se abduque inteiramente. Que cada um se vista — sem preocupações de se vestir bem.

O exemplo francês — serve-nos. Está patente agora... O actor, o bom actor, deve procurar o fato que seja o seu meelhor retrato scenico. Tapando defeitos, exaltando linhas. Esta euritmia artistica sabem-na encontrar os bons costureiros. Ir mais alem é cair no falso, na estilizzação, num convencionalismo, que apezar de secundario estraga a melhor representação, tirando-lhe ou, pelo menos, roubando-lhe parte da harmonia e do equilibrio.

ARTUR PORTELA

BREVEMENTE!

BREVEMENTE!

O FORMIDAVEL CONCURSO LISSBOEIA DO

CARMO E DA TRINDADE 2 Premios

UM CONTO DE REIS DADO NA RUA A QUALQUER PESSOA QUE LEVE NA MÃO O DOMINGO ILUSTRADO

No proximo numero diremos como.

Teatro de S. Carlos

PALMIRA BASTOS, CLEMENTE PINTO, MARIA JUDICE e HENRIQUE DE ALBUQUERQUE

O teatro de S. Carlos, cujas portas se abriram para reaparição da grande actriz Palmira Bastos, apresenta agora o maior conjunto artistico que se possa exigir a uma grande companhia de declamação.

Os nomes que encimam esta local são de sobejo conhecidos para que o publico o não sinta logo.

Palmira Bastos é hoje a nossa actriz que maiores e mais unanimes simpatias conta. Clemente Pinto é um actor moderno, muito culto, e cujas creações são verdadeiros trabalhos, como a celebre do «Mister Wu». Maria Judice é hoje a nossa primeira «Dama central» e Henrique de Albuquerque é um grande actor, elemento sempre formidavel dentro dum bom conjunto.

Por todos estes motivos S. Carlos tem tido e continuará a ter, decerto, noites de verdadeira arte.

UMA NOVELA SOBRE A VIDA DE TEATRO

A novela «Aquele olhar...» onde passa o drama duma actriz, é bem uma pagina de emoção e de interesse para a gente de teatro. A ela, especialmente, a recomendamos.

Aos Diabéticos



SALÃO FOZ

VARIEDADES E CINEMA :: :: :: :: :: BOA MUSICA :: :: :: :: :: OPTIMOS ARTISTAS A melhor casa de espectaculos de Lisboa

Apolo Olimpia

Companhia Almeida Cruz. Teatro musicado onde figura a grande voz e o talento dramatico do seu director. Repertorio de gostos popular e de valor. Teatro tradicional e querido da população lisboeta. Comodidade, conforto, modicidade de preços e um espectáculo alegre e artistico. Hoje e sempre: A Mouraria.

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portugueza e um dos industriais mais categorizados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torn-la a preferida do publico.

QUANDO se estreou a serio a gloriosa artista cujo drama preenche esta pagina, houve, em todas as penas dos jornais, um coro de admirações.

Decerto o seu talento, muito forte e muito pessoal, não estava ainda em plena maturação.

Decerto a sua tecnica não era ainda superior e impecavel.

O que havia então, nessa perturbadora beleza, tão fascinante, tão meridional, tão portugueza, que assim, de chofre, sob o laço negro da «Garota», conquistava duma só vez o publico de Lisboa? «Aquele olhar...» dizia-se.

Era a ternura dos seus olhos — os mais belos olhos de mulher que se têm visto em nossos palcos. Era aquella graça feita de tímida perturbação, de encantamento doce, aquella voz que era um gorgeio de infinitas frescuras, onde havia trinados de madrugada e vergeis lilazes de dealbar do dia...

E conquistou, duma só noite, a turba ondulante e vaga da plateia, essa cobra elastica e venenosa do publico, traidora como o mar e voluptuosa como a noite...

Foi um triunfo o seu desabrochar de mulher. Quando, veemente, energica, sensual, se decidiu a crear a inolvidavel personagem de Niccodemi — foi uma victoria plena. Tinha, no Politheama, presa dos seus labios vermelhos sem pintura — os unicos labios que se não pintavam em teatro! — uma plateia inteira, ansiosa, ululando, como um monstro de mil cabeças e uma só paixão, uma só dôr, um só coração — o seu!

Mãe, a actriz entrou na lassidão fisica da mulher portugueza, forte de ancas, pesada, bem assente.

Não mais a esbelta figura da arveola de outros tempos.

Alastrou-se o seio nas amplas seivas do seu menino, e largos, descomunais, imensos, os quadris deformaram-lhe o dorso outrora fino, flexuoso e sensual, em cujo ritmo havia uma vaga ondulação de estatueta fenicia.

Fez tratamentos, viajou, ingeriu drogas.

Bom, o seu arcaboço forte de mulher resistia ás torturas dos institutos de beleza. Sofreu fome. Andou caminhadas, fez ginastica. Não comia pão, não se sentava, não bebia agua — mas os braços cheios alargavam, semelhando umas «raquettes» de carne, vastas e disformes.

A critica apontou-lhe a exagerada gordura para certos papeis. Houve jornalistas crueis. Ela semelhou bom humor, escreveu, respondeu com um sorriso. Que não tinha culpa. Que fazia todo o possivel... Mas, no intimo, a tortura ia a maior.

Passavam-lhe, em leitura, por baixo dos olhos, peças que sentia, que os seus nervos de actriz apeteçiam legitimamente e a que o seu talento tinha direito. Mas olhava-se ao espelho. A sua gordura, tornando-a pesada e pa-

«Aquele olhar...»

Pagina de emoção veemente onde perpassa o drama dum grande mulher de teatro... E mais não é preciso dizer...

putada, deformando-lhe os gestos e o movimento, era como um estigma horrivel de condenação perpetua e forçada.

Não! Não poderia representar mais! Esconder-se-ia, como quem esconde uma vergonha — a vergonha do seu corpo.

Peor que a surdez do musico e a cegueira do pintor, este drama punge. Porque é ter, completas, integras, todas



Aquele olhar...

as faculdades de apreensão e de reprodução — traiçoeiramente mortas pela miseria fisica.

A's vezes, de noite, abria a janela ampla sobre os campos de Bemfica. Havia no ar a sonolencia morna das planicies de restolho do arrabalde. E, então, na meia escuridão do seu quarto de dormir, recitava sósinha as tiradas dos seus papeis mais queridos.

Esforçava-se em inflexões de ternura e de beleza, gostando de ouvir a sua voz no veludo da noite, gorgendo como uma arpeolla suave, elevando-se triste e perdendo-se logo nos primeiros massiços de buxo do jardim...

Começou então a escrever teatro.

Era o ultimo refugio. Escreveria teatro para si, teatro que pudesse representar. Teatro onde lhe perdoassem mais o seu grotesco defeito — que era todo o seu horror e toda a sua intima tragedia.

Mas um dia, doente, vencida, cansada de se combater inutilmente, como uma flôr que desabrochou e que precocemente o orvalho queimasse — fugiu do teatro, da scena, — da scena da vida. Foi-lhe refugio uma larga quinta, florida, tranquila, risonha de craveiros e malvaiscos, onde um riacho deixa crescer, entre a boa horta azulada, renques de tomateiros em caniços e dalias amarelas, brilhantes como faianças.

E poz-se a escrever. Escrevia para si, só para si, e representava sósinha.

Nas tardes longas e monotonas do estio, quando a faina na eira, em baixo, caía na lentidão da sesta, ela vinha para a sala sobre o terrasso, e, enquanto o pequenito dormia, punha-se ela, de janelas semi-cerradas, a fazer viver os seus personagens.

Era um longo monologo dentro da sala fechada. Que ninguem a ouvisse. Então, elevava a voz, gesticulava, representava com a veemencia fulminante de outrora, dominadora, com os seus belos gestos, — agora ridiculos dentro da sua bata provinciana e usada.

Mas, depois, exausta, deprimida por aquele esforço esteril e doentio, caía sobre o manuscrito numa convulsão de choro, vencida e exangue. Só mais tarde o acordar da creança com o cair da tarde lhe dava o alento para recommear a vida burgueza e apagada de cada dia...

Nesse verão escreveu uma peça e como quer que a sua pequena vindima fosse terrivel e toda a colheita miseravel e pobre, decidiu escrever para Lisboa, a um empresario, oferecendo a obra.

Com que custo sobreumano o fez! Ela, que sentia em si toda a força emotiva e todo o poder de exteriorização para aquilo que tinha escrito — ia entregar o seu trabalho a outra! Ela, que sonhara, nas noites de vigilia literaria, poder ainda vir a viver na scena a protagonista da sua obra — abdicou assim totalmente dos seus direitos de artista e de creadora. Hesitou ainda, já depois de ter escrito.

Mas o pequenito estava doente. Diziam-lhe que só em Paris se faziam os moldes em gesso que deviam reconduzir-lhe a coluna vertebral, aniquilando o desvio que o atrofiava e era o seu segundo pesadelo. Era preciso dinheiro, bastante dinheiro — e a Mãe venceu. Decidiu-se. A peça era um «tiro» de cartaz. Foi logo aceite. E os jornais, em largas parangonas de reclame, anunciaram o seu original.

A primeira actriz escreveu-lhe uma carta afectuosa.

Ela, de longe, respondeu-lhe com lagrimas de saudade e fez muitas recomendações para defender o seu trabalho.

Falou se no dia da estreia. O seu retrato — um bom retrato doutros tempos, em que o seu sorriso falava da tranquillidade da sua alma — veio publicado...

A carruagem, que era uma caleche velha de provincia, parou no lar-



... sala fechada. Que ninguem a ouvisse.

go da estação. Era tempo. O rapido do Porto entrara na gare. Saltou para o comboio: um «tailleur» simples e uma pequena mala de mão. Ou fosse do vestido, ou fosse realidade, a sua «silhouete» parecia ter adelgado. Dir-se-hia mesmo que a sua face, mais palida, se tinha alongado um pouco, dando mais ritmo á curva finissima da sua boca. Umas macias, golheiras violetas punham nos enormes vidrilhos negros dos olhos uma penumbra de tarde... Estava linda.

Do velho hotel Borges, onde se acolhera, mandou um creado comprar uma frisa. Ninguem a esperava. Ninguem deu por ela. Jantou no quarto. E, á noite, tremula, palida, febril, derrubou o feltro sobre os olhos e apeou-se dum taxi, á porta do teatro. Era cedo. Entrou.

Na sala, de luz ainda mortíça, os porteiros conversavam sentados na plateia.

Ficou na escuridão do camarote, amarrotada, como um farrapo negro, a soluçar...

Correu o 1.º acto. Houve palmas. De

UMA NOVELA DRAMÁTICA
COMPLETA

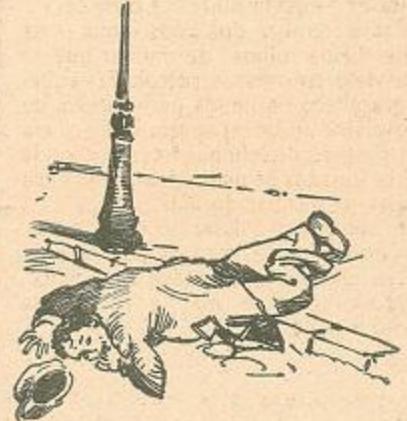
8217

Impressionante e sentida página de um novo, sobre um caso real de que Lisboa se recorda.

cruel de 50 anos. Mas a porta estava fechada; um policia fazia serviço, guardando-a. Admirado, receoso, olhou em redor. Perto, alguém lhe falou: — Também tem cautelas do 8217? Tenho — balbuciou:

— Pois está feliz! O tipo recebeu a massa na Misericórdia e desandou... fugiu!

A's duas horas da tarde o tio Ro-



... fulminado por uma apoplexia ...

mualdo, taberneiro, mercê da sua morada encontrada no bolso do morto, recebia a noticia da entrada na Morgue do velho Manuel do Barreiro, fulminado por uma apoplexia, á porta de Antonio Maria Rodrigues, cambista de Lisboa.

FERNANDO B. TRISTÃO

ELAS



— Quando me beijou fiquei tão sangada que lhe disse que o não queria ver mais! ...
— Pobre rapaz! e o que fez ele?
— Apagou a luz electrica.

Joiaria do Pavão

RUA DA PALMA, 6 A 12
LISBOA

JOIAS, OURO, PRATAS, RELOGIOS



... a beber o seu meio tinto ...

Mas, naquela noite, a de domingo, não apareceu a esgotar o seu copo e a fechar o jogo aos parceiros... nem na segunda... terça... nada! Passou quarta, passou quinta...

Numa especie de cama, traste que, com um banco invalido e uma mesa gordurosa, era a unica mobilia dum quarto bafiento e negro, deitado de costas, os olhos pregados no tecto, o velho Manuel sonhava. Não fôra trabalhar. Nem mesmo iria mais, porque agora é que era certo. Agora é que ia enriquecer. Tinha disso a plena, a absoluta certeza. Ao comprar, no domingo de manhã, o 8217 ao «Tonio», cauteleiro de Almada, ele tivera um pressentimento, uma angustia que lhe apertara o coração e lhe gritára: — Vais ser rico! Se até o proprio cauteleiro, sempre alegre, sempre chocarreiro, lhas vendera triste e resignado: — São as ultimas... leve-as lá... Quer-me cá parecer que você leva aí a taluda...!

Era tal a sugestão, que ao guardar as cautelas, o fêz com a nitida segurança de quem guardasse na carteira vinte contos, seus, muito seus, unicamente seus,—ali, palpaveis, visiveis, em boas e legitimas notas do Banco

Ela, fria, duma palidez mortal, ordenou: Mandem subir o pano! Sei a peça de cór. Não se aflijam.

— Assim? Sem caracterisação, com esse fato?

— Assim mesmo, é o que convem á acção. Vamos, o pano que suba!

O filho, cujo nascimento deformara o seu corpo de rapariga—tivera agora, com a sua doença, o condão de emagrece-la de novo—Oh! o eterno e compensador destino!

E nessa noite mais uma vez «Aquele olhar»... fez o milagre de lhe dar um triunfo.



dando a sorte ás capicuas do seu numero, fazendo premiar todas as ambições numéricas do seu vigesimo... o velho Manuel voltava no dia seguinte a comprar ao primeiro cauteleiro que topasse, ao sair de casa, um novo vigesimo ou o seu equivalente em cautelas e a sonhar, novamente, embebedadamente, nas montras que vira em Lisboa e nas notas que havia de receber...

boca em boca dizia-se: Isto feito por ela! Isto feito por ela!

O «Pessoa» das premières ergueu a voz, a chamar pelo seu nome. De todos os lados o secundaram. E ela ali, no fundo da frisa, a disfarçar com o binocolo as lagrimas e a tapar-se toda para que a não vissem.

A sala escureceu.

la erguer-se o pano para o 2.º acto —o grande acto de paixão e de amor.

Então, num repelão, saiu da frisa. Correu, pela porta, do corredor ao palco.

lam bater-se as pancadas de Molière. Na luz brilhante e dourada, entre bastidores, o seu rosto surgiu. Ouve uma sensação: Tu! Tu aqui!

E veloz, a noticia correu por todo o palco. Está no teatro! Ela está no teatro! Ela quer ir fazer o 2.º acto! Está louca! Rapidamente os actores cercaram-na.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA



N.º 1
4.ª serie

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

30
JANEIRO
1927

Apuramento do n.º 7 (3.ª SERIE)

LABORADORES
QUADRO DE DISTINÇÃO

REI-FERA

N.º 6

9 Votos

N.º 1 de O'IREMA 4 votos
N.º 10, de DROPE 2
N.º 5, de OTROPAVLIS 1
N.º 17, de AVIARDO 1

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, D. VASCO, DROPE, HOPE, LHALHA, ORLANDO-PALADINO, REI-FERA, VASCO DIAS, VIRIATO SIMÕES (todos da T. E.); LILI, MAMEGO.

Com 17 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

ORDIGUES (16), MARIANITA (15), DOIS PRINCIPANTES (12), LORD DÁ NOZES & CAMARÃO, RENANDOP (9).

OUTROS DECIFRADORES

D. SIMPATICO (T. E.), FOFORONOFF, PAUSANIAS, (8), EURISTO (1).

DECIFRAÇÕES

1—doído, 2—barrelada, 3—angelolatria, 4—côica, 5—cachamorra, 6—ANA, 7—alfageme, 8—rex-vez, 9—evolair, 10—abexigado, 11—queimado, 12—velocidade, 13—anagense, 14—léalistas, 15—tactio, 16—futuroso; 17—parrana.

DEDICATORIAS

D. SIMPATICO, EURISTO, MAMEGO, ORDIGUES e RENANDOP, decifram o que lhes era dedicado.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 13, de FRANGERQUE, com 13 decifrações.

CHARADA A PRÊMIO

Foi contemplado o nosso distinto colaborador AFRICANO, a quem enviamos as nossas felicitações. O prêmio encontra-se à sua disposição na R. Alvaro Coutinho 17 r/c.

CHARADAS EM VERSO

(Ao Dr. Fantasma, digníssimo director do Moinho de Paciencia)

1 O dia estava lindo. Brandamente,
Uma arage a soprava, refrescante...
Mas o trovo, com sua voz possante,
Fez tremer toda a terra, de repente.

Começou a chover e eu, que andava
Sósinho, pelos campos, divagando,
Fui-me, rapidamente, aproximando
Dum moinho que, ao longe, se alvejava.

Bati á porta. Ouvi, dentro, o moleiro
Que me mandava entrar. Entrei, portanto,
E vi, logo, uma luz triste, num canto,
Que se elevava dum grande madeiro.

Tomtei «nota», depois, de muita gente—1
Que, ao principio, não tinha distinguido,—4
Cumprimentei e fui, agradecido,
Para o pé da fogueira de luz quente.

Castelo Branco MANÉ BEIRÃO

2 Quanto mais eu te vejo, mais te odeio;
Quando nunca te vejo, mais te espero;

Se penso aborrecer te, isso não creio,—2
Se desejo esquecer-te, isso não quero.

Cal'vo, vivo assim, num pobre enle'o,
Sem saber do meu ser—oh, sonho mero!—
Sem principio nem fim, dum tal rodelo
Que, ás vezes, me revolto e desespero!

Se cuida abandonar te «um» só momento,—1
Fico louco, não sei... O pensamento,
Parece procurar-te, em toda a parte...

Se vou, para querer-te, ando perdido,
Receloso, buscando o que hei vivido
Para poder, ainda, mais ama-ri-ri-ri...

Dafundo D. SIMPATICO (T. E.)

(A propósito duma conversa com o amigo Euristo)

3 E' a vós charadistas vindouros,
Que dedico o trabalho presente—2
P'ra poderdes colher fartos louros
Nesta luta estúpida, inocente!

Acatá meus dizeses, senão
Sois um homem ao mar. Ouvi, pois:
—A charada, ou qualquer produção,
Nunca deve ser feita por dois;

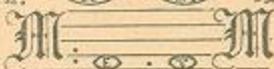
Nas tertúlias ou grêmios, cuidado!
Não dar listas nem listas pedir.
Decifral poucochinho e honrado
P'ra não terdes, d'alguem, vos servir.

A votar, a consciencia é rainha;
(Eis «um» dom, hoje em dia, bem raro.)—1
E, por fim, produções como a minha,
Não façais. Isto sai muito caro...

Lisboa JAMENOAL

ENIGMA FIGURADO

(Ao inclito Jamengal, como penhor dos seus merecidos elogios, notas da sua nunca desmentida amizade e a Avilardo, reconhecido)



Lisboa EURISTO

CHARADAS EM FRASE

4 Quem ostenta falso beaterio, veste-se de lato para
melhor andar disfarçado.—4—1

Lisboa AFRICANO
5 Ajudada sómente pelo mágico poder da beleza,
muitas vezes a «mulher» tem alcançado a celebridade.—2—2

Lisboa BAQUILHO
6 Del golpes em certa «parte do rosto» dum meu antagonista,
como complemento duma represália aspera.—2—2

Lisboa BIXO KNHOTO
7 E' parva e de escripto tacanho, toda a mulher que
corta o cabelo estupidamente.—3—2

Lisboa D. GALENO (T. E.)

(A Marianita)
8 A confrêra (?), iguala em altura os grandes campeões
do «Moinho», onde tem arrostado os maiores «ases».—3—1

Lisboa DITE

CRAS PALAVRUCRIDAS

Passatempo da moda
Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.— Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser
endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c.
LISBOA

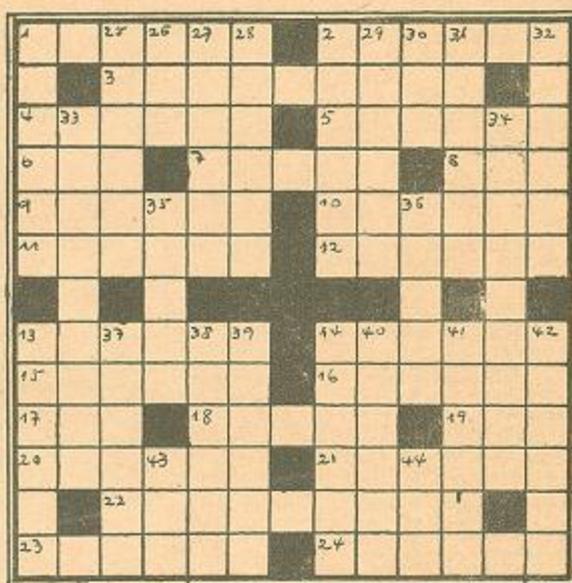
As decifrações do problema hoje publicado
devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao
PROXIMO SABADO. A solução do problema
do numero anterior sairá no proximo numero,
bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

FOFORONOFF, DOIS TORREJANOS

DECIFRAÇÕES DO N.º 105

HORIZONTAL. — 1—Lampejo, 2—aterido, 3—a cora, 4—amador, 5—valia, 6—ais, 7—açoln, 8—agra, 9—açail, 10—alma, 11—noa, 12—ser, 13—nós, 14—oad, 15—ca, 16—ré, 17—ola, 18—ou, 19—no, 20—romã, 21—crer, 22—ioc, 23—lindo, 24—fim, 25—cifa, 26—amam, 27—av, 28—ou, 29—lar, 30—os, 31—si, 32—poa, 33—imã, 34—dós, 35—oip, 36—auto, 37—ocios, 38—ciar, 39—liire, 40—ama, 41—sorri, 42—vorage, 43—zafirn, 44—onercso, 45—oenoleo.
VERTICAIS.— 1—lavan- co, 46—papalvo, 47—aná- goa, 48—voulon, 49—mcla, 20—roc, 50 atire, 61—pois, 10 roció, 52—orar, 53— era, 12—sem, 54—fui, 55— ego, 56—já, 9—ac, 57—ála, 58—mo, 69—es, 60—acro, 29—laca, 60—via, 61—li- nha, 62—imo, 63—sina, 64 —rdos, 65—fá, 66—ló, 21 —caa, 67—os, 43—zé, 68 —Ema, 69—sor, 70—mos, 41—san, 71—raça, 72—né- fas, 38—c-fo, 73—idolo, 74 —rim, 35—oiril, 75—dol- man, 31—siarre, 76—orna- dor, 77—ciprino.



PROBLEMA D'HOJE

Lisboa PREGO

Original do nosso illustre colaborador PREGO.

HORIZONTAIS.— 1—Banana, 2—Herva Santa, 3—Degradante, 4—Parvo, 5—Vagabun- do, 6—Elevo, 7—Matizar, 8—Cesto de bambu, 9—Murmurarium, 10—Outorgante, 11—Herva dos burros, 12—Agarras, 13—Sabor, 14—Ex-

VERTICAIS.— 1—Extorquido, 25—Mavio- sa, 26—Germen, 27 corromper, 28 Rebate, 2 —Trigueira, 29—Veneras, 30—Proprio, 31— Lavrador, 32—Pedras preciosas, 33—Esboc- ar, 34—Azafama, 35—Análogo, 36—Expór, 13—Pacífica, —37—Ferido, 38—Taleiga, 39— Meios de acção, 40—Tosquiara, 41—Embara- çai-me, 42—Expia, 43—Reparar, 44—Oosar.

9 Economisa algum dinheiro para poderes comprar.
«planos aos teus meados!» Meu avarento!—2—2

Lisboa DROPE
(Consultando o Dr. Fantasma)

10 O Dr. não acha que, «depois» de sabermos que a
constituição do doente é delicada, se torna conveniente
a applicação de remedios brandos e mitigantes?—2—2

Coimbra FRANGERQUE
11 Aqui, ali e além, não se ouve se não falar no chefe
guerreiro.—1—1—1

Lisboa MAMEGO
12 Tenho em grande consideração um meu projecto
—1—2

Lisboa MARIANITA

(Ao sr. Rei-Fera, agradecendo, embora que não tardia
mente, a sua «enfusão»)

13 Quem o ensina a fazer charadas, sou eu, pois te-
enho pena de o ver assim tão pouco experimentado...—4
—1

Lisboa VISCONDE DA RELVA
(Para o distinto principe dos charadistas, Visconde da
Relva)

14 Serleis capaz de ir para «a guerra» pela simples
troca duma «planta» e de um copinho de vinho—2—2

Lisboa VISCOND X

Primeira Casa de Carimbo em Portugal

FUNDADA EM 1819
E. E. DE SOUZA & SILVA
Gravadores
FABRICA DE CARIMBOS
EM TODOS OS GENEROS
ANEIS EM AÇO E OURO COM
BRAZÕES, CÔRÔAS E MONO-
GRAMAS
PREÇOS EXTREMAMENTE
BARATOS
51, Rua do Ouro, 159
98, Rua da Vitoria, 100 a 101
LISBOA



MOVEIS E ESTOFOS
Ao Confortavel
DE
NASCIMENTO PIEDADE
TELEFONE NORTE 3968
Rua da Palma, 109 a 115, 1.º
LISBOA

Cigarros "Murattis"

Os predilectos da elite, os de maior fama no mercado. São
duma fabricação extra, escrupulosa. Tabaco Egípto da mais
fina qualidade, gosto e aroma inexcitáveis. ' eçam em toda
a parte os cigarros "MURATT S" EGIPCIOS. Importado-
res VIUVA CONTRERAS & F.º—R. 1.º de Dezembro, 7

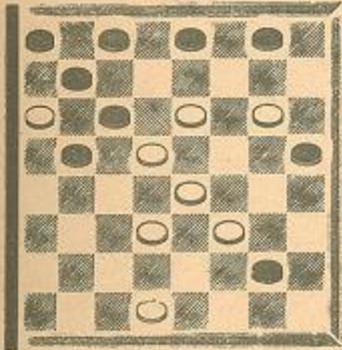


Varia

DAMAS

PROBLEMA N.º 107

Pretas 9 p.



Branças 8 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 106

Branças	Pretas
1 10-14	1-10-17-26
2 3-8	12-3 D
3 7-2	19-12
4 21-27	31-24
5 11-16	24-11
6 2-20-27-14	3-17
7 1-3-22-31 D	21-17
8 31-13	Empatado.

O Anónimo Neulame, que nos enviou este problema, apresentou a sua solução, que transcrevemos, mas somente até ao 7.º lance das Brancas, com a declaração «Ganha».

Entretanto, estudando a posição verifica-se que as Pretas, forçadas a Dama branca a ir para a casa 13, conseguem caminhar por forma a fazerem Dama e, portanto, a empatar.

Poi distração do autor, e, também, distração nossa, pois que só depois de impresso, é que notámos o erro. Os nossos leitores nos desculpem.

Resolveram o problema n.º 105 os srs.: Alvaro dos Santos, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bemfica), Suelo da Silveira, Victor dos Santos Ponceca, Virgílio Teixeira Lopes.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Artur Santos, que declara dedica-lo aos Amadores do Grupo Excursionista 8 de Setembro de 1906.

Toda a correspondência relativa esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do jogo de Damas, Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso

AS CAPAS A ALEMTEJANA

São os Melhores Agasalhos e os mais chics



SOBRETUDOS DA MODA EM TODAS AS MEDIDAS

CELEBRE CASAS DAS TESOURAS

Pereira & Abrantes, Suc. Tel. 3336N. Rua da Escola Politecnica 51-51A-53-55

A. CRUZ L.ª DA

R. DA MADALENA, 29 2.º—LISBOA

Telefone C. 1143

Armazem de productos quimicos e especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras

ARTIGOS DE BORRACHA E UTENSILIOS PARA LABORATORIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para Farmacias e Hospitais

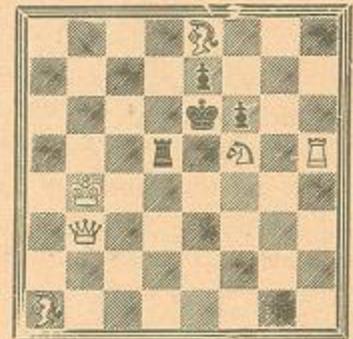
Importação directa

XADREZ

A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Perdeira Machado, Oremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 107

por S. Loyd Pretas (4)



Branças (6)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 106 (Geyerstam)

1 D. ST, B X T; 2 D. ST, PT X P; 3 D. 1 T, R X T; 4 D. 1 T X

Resolveram o problema n.º 105 os srs. Nunes Cardoso e Maximo Jordão.

Faleceu ultimamente em Paris o grande jogador polaco D. Yanowski que durante muitos anos combateu sob as cores francesas.

Jogador subtil, por vezes prejudicado por um temperamento excessivamente nervoso, deixa algumas partidas que devem ser consideradas como obras magistrais de estrategia brilhante.

Os maiores successos da sua carreira foram em Monte Carlo—1901, 1.º premio, e em Cambridge-springs—1904, 2.º premio, ex aequo com Em. Lasker.

Tornou-se celebre a forma como manejava os dois Bispos.

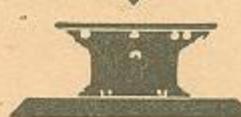
Dispôs o campeonato do mundo ao Dr. Lasker; por duas vezes, sendo batido em ambas.

FOGÕES ECONOMICOS!!

350\$

ASSA GRELHA COZE FERVE E NÃO SUJA

SEM FUMO SEM CHEIRO SEM CINZAS



EM 12 PRESTAÇÕES MENSUAES

CADDO GAZ VER AS NOSSAS MONTRAS RUA DA BOA VISTA 35

Grandes Armazens das Ilhas

e Saboaria Lisbonense

R. de S. Bento, 114 a 130 TELEFONE 501 T.

Fabrica de mobílias alemtejanas. Fabrica de carpetes e stores de junco. Mobílias e outros artigos de verga. Tapetes, passadeiras, carpetes e capachos. Oficina de reparação e limpeza de artigos de verga. Sabão e outros artigos para limpeza.

Fabrica de sabão no SEIXAL DESCONTOS PARA REVENDA

GRANDE OURIVESARIA, JOALHARIA, PRATARIA, RELOJOARIA E ANTIGUIDADES

DE

Joaquim Nunes da Cunha, Limt.ª

RUA DA PALMA, 100 a 106 RUA MARTIM MONIS, 27

Telefone N. 2024 LISBOA

Compra e vende aos melhores preços do mercado brilhantes grandes, esmeraldas, perolas e safiras, joias com pedras finas e com minos novos, moedas antigas de ouro e prata, relogios, caixas para rapé, esmaltes e tudo o que seja antigo em Ourivesaria.

Tem sempre para vender e tambem apeso joias, ouro e boas pratas, tanto antigos como modernos, comprados nos melhores fabricantes do Mundo e nos principais leilões de penhores.

Cosulich Line

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª

“Staffa” para Londres

28 de Janeiro de 1927 FARMACIA ULTRAMARINA

ANUNCIAR NO ECRAN LUMINOSO DO RÓCIO

É FAZER UM ANUNCIO QUE TODA A LISBOA VÊ!

FUNERAES SIMPLES e LUXUOSOS SERVIÇO PERMANENTE MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO 131, RUA DOS ANJOS, 1333 LISBOA TELEF. 1094 N..

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

ESTÁ MAGRO? TEM FALTA DE APETITE? SENTE-SE FRACO?

TOME LICOR “IBERIA”

FARMACIA ULTRAMARINA 99—R. S. Paulo—101 LISBOA

“LINFATINA” Nobre Sobrinho BÉBÉS ASSIM só se obtém dando TINA—Nobre Sobrinho. DEPOSITO Teixeira Lopes & C.ª Ltd. 45, Rua de Santa Justa, 2.º LISBOA

A Mobiladora

DE JOÃO ROZADO COMPRA E VENDE MOVEIS NOVOS E USADOS, ANTIGOS E MODERNOS E CASAS COMPLETAS

112, R. Eugenio dos Santos, 112 Antiga R. de Santa Anião—Em frente á R. dos Comdes LISBOA

Actualidades gráficas

UM AMIGO DAS AVES



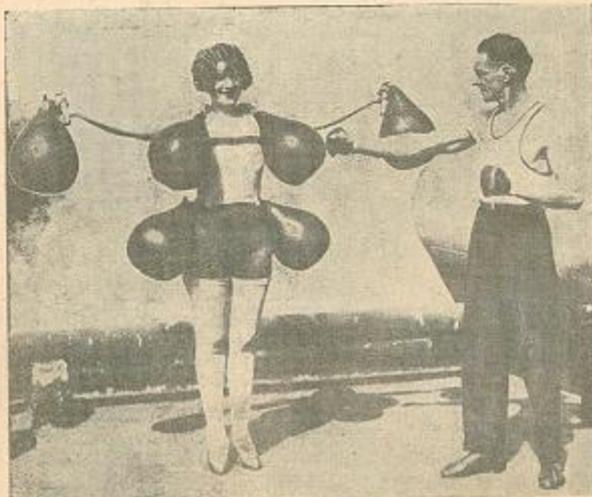
O «homem dos pombos», curiosa figura de Nova York, que ha mais de 12 anos vai a um parque publico visitar os seus pupillos, quer chova, quer neve.

A ASSISTENCIA AOS FERIDOS



Onde este serviço está mais bem montado é na Italia. A gravura representa uma moto para condução rapida de doentes.

DEDICAÇÃO FRATERNAL



O treino dum boxeur americano, cuja irmã se presta generosamente a servir da «punching ball»...

DESASTRE DE AUTOMOBILISMO



Interessante fotografia dum automovel caído duma ribanceira.

JOÃO ROSA



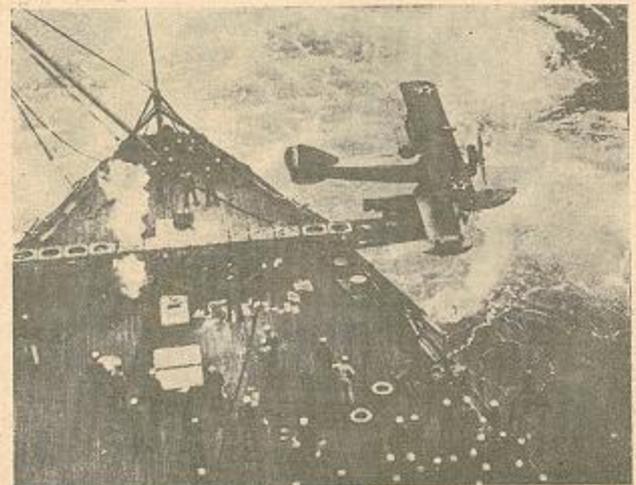
Ilustre jornalista, autor do livro notavel que é a «Iconografia artistica Eborense», recentemente publicado.

CINEMATOGRAFIA SUBMARINA



Um operador cinematografico, com uma maquina estanque e um escofandro, trabalhando no fundo do mar.

MARINHA DE GUERRA AMERICANA



O mais recente navio base de hidro-aviões. O processo novo de lançamento do aparelho.

PUBLICIDADE

MAQUINAS E TODOS OS ARTIGOS PARA
FOTOGRAFIA E CINEMATOGRAFIA



Julio WORM

LISBOA
135, Rua da Prata, 137

PORTO
Palacio de «A Nacional»
P. da Liberdade

PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR-DOURADOR Casa fundada em 1874

AS MAIORES OFFICINAS DO PAIZ MOVIDAS A ELECTRICIDADE

PREMIADA EM TODAS AS EXPOSIÇÕES A QUE TEM CONCORRIDO

DIPLOMAS DE HONRA na Exposição da Caixa Economica

Operaria e na Exposição da Imprensa

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS SIMPLES E DE LUXO

Rua Nova da Irindade, 80 e 82—LISBOA

TELEFONE 3495 N.

COOPERATIVA

DOS

ESTOFADORES E DECORADORES

Premiada na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 com a medalha de prata

Sociedade de Responsabilidade Limitada

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS EM ESTOFO, TANTO EM NOVO
COMO REPARAÇÕES E BEM ASS M PINTURAS E ENGERAMENTOS DE CASAS

ARMAÇÕES, TAPETES, OLEADOS, MOBILIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, ETC.

PREÇOS MODICOS

31, Calçada da Estrela, 33

LISBOA

Telefone T. 39 Resposta mediante selo

RUGAS

DOS OLHOS, TESTA, BOCA E SEGUNDO QUEIXO
(Double-Mento) são o tumulto do amor



Use na toilette diaria:
nas peles secas ou nor-
mais, Agua de Crème e
Pó d'Arroz Rainha da Hun-
gria, que em 3 dias trans-
formam a sua pele numa
Beleza incomparavel! Nas
peles gordas e luzidias use
os productos d'Accacia:
nos poros dilatados os
productos Civette. Para la-
var o rosto use Pasta de
Amendoas Rainha da Hun-
gria. Use nas faces o Rou-
ge Rainha da Hungria.
Nos labios a Fleur Rainha
da Hungria. Para maça-
gem o Crème Velveau Rai-
nha da Hungria. Para a be-
leza dos olhos os Produ-
cios Rodal. Corrija as so-
brancelhas com o Crème
Superciliar. Tire os pelos
com o Depilatorio Electri-
co.

Os productos *Electricos Mirabi-
lia* da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
com 18 anos de sucesso, fazem a alegria da
vida: porque tiram as rugas para sempre.

Escreva hoje mesmo e peça estes productos, e
em 8 dias verá que as rugas progressivamente
vão desaparecendo. Não experimente outros
productos antes destes, e não mudará mais; se
mudar, voltará de novo a usal-os.

A

Academia Scientifica
de Beleza

Todos estes productos se
vendem na

Academia Scientifica
de Beleza

e em toda a parte

fabrica 400 productos de Beleza, que são 400
maravilhas, premiados com o *Grand Prix* na
Exposição Internacional do Rio e noutras exposi-
ções a que tem concorrido.

Peça hoje mesmo o catalogo gratis, enviando um escudo para resposta

AVENIDA DA LIBERDADE, 35—LISBOA

Catalogo gratis

Automoveis e Camionettes

“CHEVROLET”

A marca que não tem rival na sua categoria

Carros para entrega immediata

PALACE STAND

DINIZ & MENDONÇA, L.^{DA}

Praça dos Restauradores, 16

Rua de Santa Catarina, 558

LISBOA

PORTO

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAÑA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ASSINATURAS

COLONIAS
ANO 5220 - SEMESTRE 2600
ESTRANGEIRO
ANO 6496 - SEMESTRE 3248

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.



Salvé pela capital do Alentejo!

Hoje, Evora recebe os jornalistas de Lisboa. O nosso jornal sauda na cidade admiravel todos os seus leitores da grande provincia, que alberga em si as mais puras fontes etnicas da nacionalidade.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING